

## O carnaval e o entrudo na imprensa de Desterro durante o Império

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

*Débora Costa Pires*  
*coresdebora@gmail.com*

**Resumo.** Este artigo aborda o carnaval em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis/SC) a partir da segunda metade do século XIX., até o final do Império (1889). Informações sobre a prática carnavalesca no período, com ênfase na relação entre a prática do entrudo e a adoção do carnaval nos moldes francês e italiano, são resultado da pesquisa realizada no acervo de jornais e periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. O entrudo e o carnaval tornam-se palco de discussões sobre identidade e cultura, em construção nesse período.

**Palavras-chave:** Entrudo. Carnaval. História da música em Desterro. Identidade.

### The carnival and the shrovetide in the press of Desterro city during the Brazil Empire

**Abstract.** This article discusses the carnival in Nossa Senhora do Desterro (nowaday Florianópolis/SC) from the second half of the nineteenth century, until the end of the Brazil Empire (1889). Information about the practice during carnival, with emphasis on the relationship between the shrovetide practice and the adoption of the carnival in the french and italian molds, are the result of a research conducted in the collection of newspapers and journals of the Public Library of the State of Santa Catarina. The shrovetide and the carnival become the stage for discussions about identity and culture, in construction during this period.

**Keywords:** Shrovetide. Carnaval. History of Music in Desterro. Identity.

### 1 Introdução

Os jornais podem constituir-se uma fonte importante de pesquisa para a musicologia histórica, pois apresentam uma variedade de informações que envolvem a prática musical em artigos, folhetins, leis e anúncios. As informações utilizadas para esta pesquisa foram encontradas a partir de um levantamento realizado em jornais publicados em Desterro<sup>1</sup>, pertencentes ao acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, durante o período de 1831, data da publicação do primeiro periódico em Santa Catarina, e 1889, transição do Império para a República. Apesar da primeira publicação periódica em Desterro datar de 1831, referências sobre o entrudo e o carnaval foram encontradas a partir de 1852. Os jornais utilizados para este trabalho com referências a prática carnavalesca foram os seguintes: *O Conservador* (1852 a 1889); *O Cruzeiro do Sul* (1858 a 1860); *O Argos* (1858 a 1861); *O Catharinense* (1860 a 1861); *O Chaveco* (1860 a 1861); *O Despertador*, (1863 a 1885); *A Regeneração* (1868 a 1889); *O Cacique* (1870 a 1871); *O Conciliador* (1872 a 1873); *Jornal do Comércio* (1880 a 1894); *Matraca* (1881 a 1888).

A partir de relatos e crônicas impressos em periódicos é possível ter um panorama da sociedade e, conforme Siebert (2001), a imprensa funcionava como um propagador das luzes do século; ampliava e antecipava as possibilidades do processo civilizador. Tudo e todos estavam sujeitos a observações, sugestões e censuras. No século XIX eram constantes as ideias de civilidade, bons costumes, urbanidade e progresso. O conceito de civilização estava ligado às ideias de movimento, progresso do Ocidente e da humanidade, consciência e identidade nacional. Assim, assimilar hábitos, costumes e ideias com a intenção de civilizar-se ao modo europeu significava caminhar em direção ao progresso (SILVA, 2012: p.163).

O padrão cultural difundido no país no final do século XIX estava atrelado aos aspectos culturais divulgados nos centros da civilização europeia. Em Desterro, as elites consideravam que, para ser moderno, era preciso agir e consumir produtos culturais dos grandes centros da Europa. Nossa Senhora do Desterro, mesmo afastada dos grandes centros da época, era um ponto de ligação entre o Rio de Janeiro e as cidades de Montevideu e Buenos Aires. Dessa forma, passavam por lá artistas e companhias artísticas, as tendências e as modas. Além disso, como Capital da Província, concentrava o centro político e econômico de Santa Catarina. Uma das formas de manter o status cultural era a prática e consumo musical voltada para o repertório europeu.

Assim como ocorreu na sociedade brasileira como um todo, na capital de Santa Catarina, através das diversas práticas musicais, como o Carnaval, é possível identificar a mesma dinâmica social. Era uma sociedade em formação, em processo de assimilação de modelos europeus, especialmente na música. A execução de repertórios europeus, as composições também nos moldes europeus e a realização de bailes e desfiles de Carnaval à moda italiana eram frequentes.

## **2 Carnaval e entrudo: blocos, bailes e repertório**

Nos relatos dos jornais desterrenses é evidente o prestígio conferido ao Carnaval, como uma prática social e expressão cultural presente nas ruas e clubes. Modificações em sua prática ocorrem no decorrer do século XIX acompanhando as modificações sociais, econômicas e culturais da sociedade como um todo. A festa, expressão cultural, conforme Brito (2005: p. 314), reproduz as “facetas da realidade social”, coexistindo e relacionando diferentes realidades e estabelecendo-se redes de sociabilidade.

Em Portugal os dias que antecediam a Quaresma eram comemorados atirando-se ovos, líquidos e farinha, em uma festa chamada entrudo (ARAÚJO, 2000). Ferreira (2004)

divide o entrudo em duas manifestações: o entrudo familiar, que ocorria dentro das casas e entre amigos; e o entrudo popular, que ocorria nas ruas e envolvia as classes populares e os escravos. No final do século XVIII, na Europa, conviviam o entrudo e o Carnaval, porém a elite começou a elaborar um discurso sobre a festa, associando as brincadeiras do povo à ideia de irracionalidade e a hábitos rústicos (FERREIRA, 2004). Oliveira (1996) afirma que foi através dessa tradição europeia que os festejos carnavalescos chegaram ao Brasil. Antecessor do Carnaval, o entrudo teve a primeira prática no Brasil em 1600, em que foliões atiravam água com limão uns nos outros e, alguns, pedras e dejetos (PINHEIRO, 1995). Pela forma agressiva dessa prática e a sua associação às classes populares, o entrudo sofreu proibições no decorrer dos anos.

Em 1840 o Carnaval começou a substituir o entrudo com o aparecimento de máscaras e fantasias. O Carnaval de fantasias brasileiro tem origem nos bailes mascarados trazidos para o país na primeira metade do século XIX. Para Ferreira (2004), o Brasil importou da França não só o baile de máscaras como as roupas ao gosto da burguesia europeia. Em Desterro, assim como no Brasil como um todo, houve a incorporação no Carnaval das novas manifestações e passou-se a usá-las, amenizando o jogo do entrudo sem, contudo, abolir definitivamente suas brincadeiras (PAMPLONA; HOLLER, 2009). Como discute Ferreira (2004):

O Entrudo, por sua própria natureza inocente, grosseira e simplória, era um tipo de brincadeira que não incentivava o uso de fantasias. Mas, ao sair às ruas com suas arruaças e tambores, as classes menos favorecidas iriam acabar se espelhando nas indumentárias sofisticadas e jocosas usadas pela elite nos bailes e passeios, adaptando-as, é claro, a sua estética e as suas limitações financeiras (FERREIRA, 2004: p. 118).

Para o autor, a ordem e sofisticação dos bailes à fantasia da época eram uma forma da elite reforçar a distância das brincadeiras grosseiras das ruas. Os bailes tinham como objetivo trazer a civilização para as comemorações brasileiras, ocupar espaços do entrudo popular:

A estratégia da elite não somente deveria incluir uma nova forma de brincar o Carnaval, mas deixar claro que essa nova diversão também ocupasse o espaço do antigo Entrudo. Uma conquista que se realizasse tanto nos corações do povo quanto no próprio espaço ocupado por sua brincadeira (FERREIRA, 2004: p.136).

Para Araújo (2000: p.3), ao acompanhar os festejos de entrudo durante o século XIX é possível identificar a construção paulatina da imagem de um festejo “grosseiro”, em

um Estado Imperial que difundia e implementava ideias de progresso e civilização do país. No final do século XIX, década de 80, o Carnaval ainda convivía com o entrudo, revelando assim a diferença entre as práticas populares e os projetos europeus das elites da corte, e apenas nas primeiras décadas do século XX o Carnaval ganhou a disputa com o entrudo e difundiu-se pelo território nacional (SCHWARCZ, 2010).

Em Desterro pode ser observada essa mesma dicotomia entre entrudo e Carnaval e o apoio da imprensa em prol de uma sociedade “civilizada”. Como visto, na segunda metade do século XIX, Desterro praticava o entrudo e o Carnaval em três dias de folia. A palavra Carnaval podia incluir tanto o entrudo como os festejos à maneira europeia, com “máscaras, fantasias, desfiles e bailes” (PAMPLONA, 2011: p.37). Conforme o jornal *O Conservador* de 23 de fevereiro de 1855, documentado por Rego (2008: p.22), o entrudo era praticado com moderação: “respeitando-se a moral pública e o interior do asilo das famílias não é invadido com tanta audácia e descaramento!”.

Ainda sobre a origem do Carnaval em Desterro, o jornal *O Cruzeiro do Sul* de 1860 publicou um texto, sobre o fim do Carnaval e a chegada da Quaresma. Neste artigo o autor afirma que o Carnaval teria começado apenas dois anos antes, tendo sido introduzido nas terras desterrenses em decorrência da visita de um jovem caixeiro português, Cesário. Segundo esse texto o Carnaval de 1860 foi planejado com mais de trinta dias de antecedência, e teria tido animação, riqueza, cantores italianos, dança e poesias. O próprio texto traz os seguintes versos:

Velho entrudo, ide ocultar-vos  
Nas terras de Portugal,  
Que aqui em Desterro belo  
Ressurgirá o Carnaval! (O CRUZEIRO DO SUL, 26/02/1860: p.3, col.3, p.4, col. 1).

Também *O Cruzeiro do Sul* publicou um poema oferecido à Sociedade Recreio Carnavalesco em que aparece a referência ao entrudo:

Formosos rostos se divisam ledos  
Nas vistosas sacadas, e janelas;  
Seus dotes pessoais mais se avantajam  
Com essas, que as adornam, ricas telas. [...]  
Vem às vezes a cara de uma velha,  
Como a medo espreitar por uma fresta.  
Mostrando o longo tremembundo queixo,  
Que dista um palmo da rugosa testa.  
Um --diabo-- feroz de longa cauda,  
Que a tudo está presente, a tudo atenta,  
De improviso soltando horrível berro,

A' seus olhos pasmados se apresenta.  
Recua com terror a velha múmia,  
Perde os óculos, o pente, a caixa, tudo,  
A porta fecha, no quintal se esconde,  
Chorando a morte do velhusco entrudo. [...]  
Ao prazer! Á folia, ardentes jovens!  
Vozêa a turba, eletrizando as almas;  
Correi! ao Carnaval tecei louvores!  
De um Triunfo feliz colhei as palmas! (O CRUZEIRO DO SUL, 19/02/1860: p.4,  
col.1 e 2)

Neste poema é possível perceber a contraposição feita entre o entrudo (a velha múmia, no quintal se esconde, a morte do entrudo) e o Carnaval, refletindo desta maneira, a mudança social do Carnaval e o papel da imprensa como propagador de uma “nova” identidade. Mas apesar da ode ao fim do entrudo, isto não veio a acontecer tão cedo, como fica claro na nota publicado pelo jornal *O Despertador* (02/01/1884: p.1, col. 3), 24 anos depois, sobre o entrudo:

Já começa a manifestar-se este jogo brutal, prejudicial à saúde e que tanto depõe contra a civilização de um povo. Vimos já, na mão de alguns rapazes, colossais seringas de folha de Flandres, capazes de apagar um incêndio. Seria bom que o Sr. Dr. Chefe de polícia fizesse apreender tais instrumentos, que nos parece estão compreendidos nos que as posturas municipais proíbem.

Apesar do movimento pela substituição do entrudo pelo Carnaval, em 1877, o jornal *O Conservador* de 17 de fevereiro de 1877 (p.2, col.3 e 4) publicou um texto comentando que os três dias de Carnaval haviam sido, naquele ano, substituídos pelo entrudo. Nesta nota lamentava-se a falta das “partidas dançantes” oferecidas pelas sociedades. Uma possível explicação para este acontecimento apareceu também no jornal *O Conservador* anos mais tarde, em 08 de fevereiro de 1879 (p.2, col. 3 e 4). Segundo o texto publicado, o Carnaval, até a guerra do Paraguai, era comemorado com bailes promovidos pelas sociedades carnavalescas, mas com a guerra, havia sido substituído pelo entrudo. As sociedades carnavalescas e seus bailes teriam retornado em 1879.

A imprensa desenvolveu uma campanha contra o entrudo e a favor do Carnaval de máscaras, “monopolizado pelas elites locais” (PAMPLONA, 2011: p.41). Demonstração desta campanha pode ser vista pelos numerosos anúncios e textos sobre a realização de bailes de máscaras. Exemplo disso pode ser visto no Carnaval de 1879: o Clube Quatro de Março realizou uma reunião à fantasia, a Sociedade Diabo a Quatro realizou dois bailes nos salões do Clube Quatro de Março e também a Sociedade Bons Arcanjos deu um baile (O DESPERTADOR, 11/02/1879), o baile promovido pelo Clube Quatro de Março foi elogiado

e apontado como exemplo para as demais sociedades (O CONSERVADOR, 18/02/1879). Esse baile motivou a publicação de um texto no formato de um diálogo entre duas amigas com a reclamação pelos homens não terem se fantasiado para o baile de Carnaval, reforçando a ligação desenvolvida entre o Carnaval e o uso de fantasias, ao modo europeu, em Desterro. Este Carnaval contou também com um baile à fantasia, promovido pelo Clube 12 de Agosto (O CONSERVADOR, 20/02/1879: p.3, col.3), e foi tão emblemático que o jornal *O Conservador* (27/02/1879: p.4, col.4 e 5) publicou um texto comentando os festejos de Carnaval e o fato do entrudo, “fatal limão de cheiro”, ter sido deixado para trás, dando lugar novamente aos bailes e desfiles carnavalescos. Os jornais exaltavam as práticas carnavalescas europeias. Em conformidade, Pamplona (2011) afirma que era evidente a apropriação das novidades carnavalescas do Rio de Janeiro pelos desterrenses, especialmente o desejo de apresentá-las em grande estilo, colocando-as “no mesmo patamar das principais cidades do país” (PAMPLONA, 2011: p.41).

Apesar das demonstrações de grandiosos festejos carnavalescos e da realização de bailes de máscaras e a fantasia, o entrudo, como aponta Pamplona (2011), ainda era praticado, resistindo às críticas, proibições e a custosa sofisticação do Carnaval imposto pelas elites, até o início do século XX. Os Zé Pereiras eram uma das comemorações associadas ao entrudo e usuais em Desterro, como no Carnaval de 1884 com a realização de Zé Pereiras. Também *O Despertador* de 16 e 30 de janeiro de 1884 publicou duas notas. A primeira sobre a apresentação da Sociedade Diabo a Quatro do Zé Pereira acompanhado por duas bandas, uma delas fantasiada e, a segunda, sobre a Sociedade Bons Arcanjos que realizaria um grande passeio “com um ruidoso Zé Pereira”.

O entrudo, mesmo no final do Império, era combatido com intensidade pela imprensa. Visto como sinal de atraso, ligado a Portugal, o entrudo no passar dos anos foi reiteradamente afirmado como passado na história da cidade, em detrimento do Carnaval, com fantasias e bailes seguindo à moda de Veneza e Paris, da civilização europeia. O jornal *O Despertador* confirma esta visão ao escrever sobre o entusiasmo pelo Carnaval em Desterro, no qual as pessoas pertenciam a uma ou mesmo das duas sociedades carnavalescas. Conforme esta publicação, “embora pequeninos, queremos parecer grandes e desejamos que se diga –O carnaval de Santa Catarina– assim como se diz– o carnaval de Veneza, de Roma, de Paris, do Rio de Janeiro”. (O DESPERTADOR, 01/03/1884: p.1, col.3).

### 3 Considerações finais

Esses relatos permitem perceber a esfera musical e social ainda em transição, em que o apreço por determinado gênero ou prática musical ainda estava se consolidando e sofrendo influência de uma sociedade também em processo de formação. Como aponta Colaço (1988), as mudanças do Carnaval em Desterro tiveram influências externas e foram apoiadas e divulgadas pela imprensa, dentro da perspectiva de que quanto mais próximo do Carnaval carioca e europeu, mais luxuoso e requintado seria, demonstrando a civilização de um povo. Nos jornais em Desterro no século XIX fica evidente o anseio pela substituição do entrudo pelo Carnaval, o que na verdade não ocorreu, inclusive com a substituição do Carnaval pelo próprio entrudo durante o período da guerra do Paraguai. Apesar de os jornais terem sido porta vozes de uma faixa da sociedade que estava em busca de ideais europeus (fantasias e baile de máscaras), o entrudo não teve a existência interrompida. É possível pensar então na existência de outro setor da sociedade, sem voz ativa nos jornais, e na rejeição não apenas ao entrudo, ao passado, mas também a um setor da sociedade desterreense.

As práticas carnavalescas em Desterro no século XIX exemplificam a concepção de modernidade que começava a ser construída: a importância dos espaços públicos em detrimento do espaço privado, o controle das camadas populares da população e dos espaços públicos, as diversões civilizadas em meio a práticas antigas.

#### Referências:

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2000. Disponível em: < <http://www.cipedya.com/web/FileDownload.aspx?IDFile=149421>>. Acesso em: 08 out. 2011.

BRITO, Sandra. O carnaval e o mundo burguês. In: *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto (Portugal), III Série, vol.6, 2005, p. 313-338. Disponível em: < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3390.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2011.

COLAÇO, Thaís Luzia. *O carnaval no Desterro: século XIX*. 1988, 219 p. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História/Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

OLIVEIRA, Paulo César Miguez de. *Carnaval baiano: as tramas da alegria e a teia de negócios*. 1996. Dissertação (Mestrado em Administração). Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da UFBA, Salvador, 1996.

PAMPLONA, Otildes Costa Furtado; HOLLER, Marcos Tadeu. Um olhar sobre o carnaval em Desterro na segunda metade do século XIX a partir da atuação das sociedades carnavalescas. In: *Revista DaPesquisa*, nº7, ago/2009 a jul/2010, p.346 - 361. Disponível em: < [http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes\\_anteriores/7/files/2010/MUSICA-07Marcos\\_.pdf](http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes_anteriores/7/files/2010/MUSICA-07Marcos_.pdf) >. Acesso em: 12 mar. 2013.

PAMPLONA, Otildes Costa Furtado. *O carnaval em Desterro na segunda metade do século XIX através da atuação da imprensa e das sociedades carnavalescas*. 2011. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Curso de Música, Florianópolis, 2011.

PINHEIRO, Marlene M. Soares. *A travessia do avesso: sob o signo do carnaval*. São Paulo: Annablume, 1995.

REGO, Edgar de Souza. *Entre diabos e arcanjos: cultura política e sociedades carnavalescas em Desterro (1879-1891)*. 2008, 59 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Departamento de História/Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SIEBERT, Itamar. Crônica jornalística, sociabilidade e vida familiar na Desterro de meados do século XIX. In: BRANCHER, Ana; AREND, Sílvia Maria Fávero (orgs). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

## JORNAIS

**A Regeneração**. Desterro, 1868 a 1889. **Jornal do Comércio**. Desterro, 1880 a 1889. **Matraca**. Desterro, 1881 a 1888. **O Argos**. Desterro, 1858 a 1861. **O Cacique**. Desterro, 1870 a 1871. **O Catharinense**. Desterro, 1860 a 1861. **O Chaveco**. Desterro, 1860 a 1861. **O Conciliador**. Desterro, 1872 a 1873. **O Conservador**. Desterro, 1852 a 1855 e 1871 a 1889. **O Cruzeiro do Sul**. Desterro, 1858 a 1860. **O Despertador**. Desterro, 1863 a 1885.

---

<sup>1</sup> Fundada no final do séc. XVII, A Vila de Nossa Senhora do Desterro foi elevada à categoria de cidade no início do séc. XIX e em 1823 tornou-se capital da Província de Santa Catarina. Em 1894, ao fim da Revolução Federalista, teve o nome alterado para Florianópolis, como homenagem ao então Presidente da República Floriano Peixoto (PAULI, 1987). Neste trabalho será mantido o nome Desterro, devido ao fato de o período abordado ser anterior à alteração do nome.